

CRISE NO MERCADO DO LEITE¹

Sebastião Teixeira Gomes²

No passado, era comum atribuir ao produtor safrista a causa da desordem do mercado do leite. A grande sazonalidade da produção, que existia no passado, hoje não existe mais. Ainda assim, alguns analistas de mercado continuam insistindo nesta tese, sem argumentação objetiva, baseados em dados da produção nacional.

Segundo o IBGE/DPE/DEAGRO – Pesquisa Trimestral do Leite, nos últimos quatro anos (1997 a 2000), a média das diferenças entre a produção de leite do período das águas e da seca era apenas de 13%, com tendência de queda. Portanto, não se pode dizer que o safrista era o causador de todo o desarranjo do mercado do leite. A prova definitiva aparece neste ano, quando, em pleno período da seca, o preço do leite despenca, para surpresa de produtores e analistas do mercado de lácteos.

A avaliação do que está acontecendo agora no mercado do leite é importante para sepultar alguns mitos, como o da desordem do mercado causada pelo produtor safrista e pelo leite informal, bem como para estabelecer diretrizes que venham a contornar essa incômoda situação.

A significativa queda do preço recebido pelo produtor, a partir de junho, resulta da combinação de três fatores, quais sejam, redução da demanda de lácteos, aumento da produção e imperfeições dos mercados, nos níveis de indústria e de varejo, que magnificam os efeitos da demanda e da produção.

O “apagão” e o conseqüente aprofundamento da recessão econômica contribuem para reduzir o consumo de alguns derivados lácteos, em especial, os congelados.

O crescimento da produção, em pleno período da seca, pode ser explicado pela expectativa de preços elevados e pela capacidade de resposta do produtor aos estímulos de mercado. A aprovação das medidas “antidumping” animou o produtor, que passou a esperar a recuperação do preço do leite. Além disto, os baixos preços do milho e do carroço de algodão favoreceram a substituição do farelo de soja, cujo preço aumentou significativamente.

Entretanto, de nada adiantariam os estímulos de mercado se o produtor não tivesse capacidade de respondê-los. As evidências deste ano mostram que o produtor brasileiro tem grande capacidade de resposta, devido aos avanços tecnológicos dos sistemas de produção. É evidente que não são todos os produtores que têm essa capacidade, porém, os que a têm representam a maior parte da produção, embora seja um número pequeno de produtores, aproximadamente, 20% do total.

Dados preliminares das principais indústrias laticinistas indicam que a recepção de leite da seca, deste ano, quando comparada com a da seca do ano passado, aumentou de 12 a 20%. Tal crescimento confirma os grandes avanços da pecuária nacional. Ainda que distante dos países líderes em produtividade, não se podem negar as conquistas recentes. De certo modo, pode-se dizer que o produtor está pagando por ter sido eficiente. Se houvesse grande sazonalidade da produção, a desordem do mercado, nesta seca, não aconteceria.

Diante da atual crise, dois procedimentos podem ser recomendados, ambos para enxugar o mercado. O primeiro implica no socorro do governo mediante o crédito especial para estocagem e mediante o consumo de leite nacional nos programas sociais. Parece inacreditável que, mesmo com esta crise, se permita que programas sociais sejam abastecidos com leite importado. O segundo procedimento diz respeito à exportação de derivados lácteos. Daqui para frente, caso a produção nacional seja suficiente para abastecer o mercado doméstico, deverão acontecer exportação e importação, dependendo das conjunturas dos mercados domésticos e externo. Isto significa que o país já deve se preparar para os primeiros passos rumo à exportação, como forma de ajustar o mercado interno.

¹ Trabalho escrito em 20-8-2001.

² Professor titular da Universidade Federal de Viçosa.